MEMÓRIA DAS PALAVRAS, MEMÓRIAS DA VIDA: A MEMÓRIA E A LINGUAGEM NAS ENUNCIAÇÕES PROVERBIAIS POR IDOSOS COM DOENÇA DE ALZHEIMER

MEMORY OF THE WORDS, MEMORIES OF LIFE: THE MEMORY AND THE LANGUAGE IN PROVERBIAL ENUNCIATIONS BY ELDERLY WITH ALZHEIMER'S DISEASE

SÉ, Elisandra Villela Gasparetto
Universidade Estadual de Campinas
Instituto de Estudos da Linguagem – IEL/UNICAMP
Grupo de Pesquisa COGITES – Cognição, interação e Significação

RESUMO

Este texto tem por objetivo descrever as relações entre linguagem e memória nas enunciações proverbiais de sujeitos idosos com doença de Alzheimer, discutindo os diversos processos de memória envolvidos na compreensão e emprego dos provérbios, bem como a importância do funcionamento da memória e suas estruturas no envelhecimento para o uso de estratégias sócio-cognitivas empregadas na interpretação de expressões formulaicas (expressões proverbiais). Na interpretação dos provérbios a inferência exigida está baseada predominantemente na associação de informações contextuais com o conhecimento prévio do indivíduo. Os dados das expressões proverbiais exemplificados neste texto nos mostram que as expressões metafóricas não podem ser analisadas como sendo meramente inferenciais. É necessário interpretar os contextos ou situações enunciativas nos quais são produzidos e com participação ativa da memória sócio-cultural do indivíduo.

Palavras-chaves: Memória; Provérbios; Doença de Alzheimer.

ABSTRACT

This paper aims to describe the relations between language and memory in the proverbial enunciations of elderly with Alzheimer's disease, discussing different memory processes involved in understanding and use of proverbs, well as the importance of memory functioning and its structures on aging for the use of socio-cognitive strategies employed in the interpretation of formulaic expressions (proverbial expressions). In the interpretation of proverbs, the inference required was based predominantly on the association of contextual information with prior knowledge of the individual. The data of proverbial expressions exemplified in this text showed that the metaphorical expressions

can not be analyzed as just inferential. It is necessary to interpret the contexts and enunciative situations in which they are produced and with active participation of the socio-cultural memory of the individual.

Key-Words: Memory; Proverbs; Alzheimer's disease.

1. INTRODUÇÃO

A memória é uma importante função cognitiva do ser humano e é a base para o desenvolvimento da linguagem, do reconhecimento de pessoas e objetos, para nossa identidade e para termos consciência da continuidade de nossas vidas. A memória pode ser estudada como o conjunto de processos neurobiológicos e neuropsicológicos que permitem o armazenamento seletivo de informações ou conhecimentos, pelo qual podemos evocá-las sempre que desejamos, conscientes ou inconscientemente. A grande variedade de teorias que procuram definir o que é memória e explicar os atos de reter e recuperar conteúdos da memória reflete a grande variedade de atividades cognitivas e emocionais envolvidas em processos que são fundamentais ao desenvolvimento e ao funcionamento dos indivíduos.

Os fenômenos da memória, tanto nos seus aspectos biológicos, psicológicos e sociais são resultados de sistemas dinâmicos e organizados que existem na medida em que esta organização os mantém ou os constitui. A memória, como propriedade de conservar certas informações, remete-nos a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas.

De acordo com a literatura referente aos sistemas de funcionamento da memória existem dois tipos básicos de memória, especificamente lingüística, a memória semântica (léxico, gramática, vocabulário) e a memória episódica (fatos, eventos, experiências) que pertencem ao sistema chamado de memória de longo prazo. Diversos modelos teóricos foram elaborados para representar e descrever o funcionamento da memória humana. Do ponto de vista do processamento, duas correntes teóricas básicas se contrapõem: uma defende o processamento serial autônomo, isto é, que as operações ocorrem em sequência, sem efeitos retroativos, enquanto a outra propõe o processamento paralelo, partindo do pressuposto de que o conhecimento semântico é

heterogêneo e distribuído e de que diferentes aspectos do conhecimento são implementados por estruturas diferentes do cérebro (DAMÁSIO 1990, p. 96). Estes pressupostos nos ajudam a entender melhor os estudos ligados a memória no envelhecimento e identificar a relação da linguagem e memória nos processos neurodegenerativos.

Este texto tem por objetivo descrever as relações entre linguagem e memória nas enunciações proverbiais de sujeitos idosos com doença de Alzheimer, discutindo os diversos processos de memória envolvidos na compreensão e emprego dos provérbios, bem como a importância do funcionamento da memória e suas estruturas no envelhecimento para o uso de estratégias sócio-cognitivas empregadas na interpretação de expressões formulaicas (expressões proverbiais).

Para uma melhor compreensão da relação entre linguagem e memória temos que considerar uma relação de constitutividade entre essas duas funções. O signo lingüístico não é uma associação entre coisa e palavra, mundo e língua. MARCUSCHI (2005, p. 52, 53) afirma que é um tanto simplista dizer que a verdade é uma relação entre mundo e o que dizemos sobre ele. Para o autor, *"as coisas não estão no mundo da maneira como as dizemos aos outros. A maneira como nós dizemos aos outros as coisas é decorrência de nossa atuação intersubjetiva sobre o mundo e da inserção sócio-cognitiva no mundo em que vivemos. O mundo comunicado é sempre fruto de um agir intersubjetivo diante da realidade externa e não de uma identificação de realidade discreta".* Além disso, o autor salienta uma antiga questão com relação ao problema da referência *"as coisas não são porque as pensamos, mas porque elas podem ser pensadas e o seu modo de ser não é uma questão empírica e sim uma questão cognitiva".*

KOCH (2003, p. 35), ao explicar o processamento *on line* da memória no campo da linguística textual, também afirma que suas fases não são estanques, únicas. A questão é saber: como o nosso conhecimento está organizado e representado na memória? Como este conhecimento é utilizado e que processos e estratégias cognitivas são postas em ação por ocasião do uso? Desta forma, a autora ressalta que existe um contínuo de ir e vir da memória que permite o indivíduo manter unidades de informação na memória

de curta duração e ativar e transferir informações da memória de longa duração para a de curta duração. Trata-se de um modelo complexo e dinâmico de processamento mnemônico e lingüístico. Segundo a autora, esse pressuposto derruba o modelo estruturalista das funções linguístico-cognitivas. Nesse campo, estes pressupostos teóricos postulados por Koch são de natureza cognitiva ou contextual, no qual se encontram o construtivismo, o interpretativo e o estratégico, a funcionalidade social, o pragmático e o situacional.

Tomando como partida que os provérbios constituem por excelência por um metadiscurso e que na enunciação ele corrobora um jogo intersubjetivo e interdiscursivo, evidencia-se a participação ativa dos sistemas de memória. O estudo dos provérbios dentro da perspectiva da enunciação considera que diversos outros discursos são inseridos nas enunciações proverbiais para a construção do sentido. Para a compreensão dos provérbios, além do conhecimento lingüístico, é necessário que o sujeito faça retomada de outros conhecimentos estabilizados na memória. Os enunciados pré-construídos, fragmentos de narrativas, processos referenciais, formas metaenunciativas, e expressões formulaicas mobilizam diferentes formas dessa relação que tem na remissividade uma de suas propriedades mutuamente constitutivas.

Os provérbios têm uma longa e diversa história no folclore, na religião, na cultura, na literatura, na língua popular, na filosofia e, mais recentemente, nas ciências cognitivas (HONECK 2000, p. 627). Os provérbios fazem parte da tradição cultural, em seus vários aspectos – regras normativas que presidem condutas humanas – traduzindo ainda conhecimentos e sistemas de crenças. Sendo o que são em função de uma cristalização sócio-discursiva, os provérbios têm sua origem nas experiências cotidianas, das nossas práticas com a linguagem, ainda que possam receber classificações variadas (literários, bíblicos, populares, *etc*.). Fatores históricos, culturais e fontes bibliográficas contribuíram para a construção do enunciado proverbial, obras de filósofos e poetas da Antiguidade, o uso didático, religioso, lúdico, o estilo de existência desses fatores e as características de seus usuários, as diversas línguas que os cristalizam, interferem, mesmo que inconscientemente, na adesão do sujeito ao provérbio, num menor ou maior nível de sujeição/subjetividade em relação à aceitação ou rejeição de um determinado provérbio. Segundo STEINBERG

(1985, p. 10), tendo origem na chamada “sabedoria popular”, é quase impossível saber onde um determinado provérbio surgiu primeiro.

Os provérbios, como expressão falada e escrita e como meio prático de formação do homem, também se encontra como os costumes na categoria de meio útil e necessário à vida em grupo. A relação entre gerações centrada na memória oral transmite mais do que apenas informações: transmite sentimentos, sensações, vivências, crenças, comportamentos, atitudes e valores que possibilitam recriar um tempo, um período que, embora não vivido por aquele que ouve, pode ser vivenciado ou recriado pelo grupo. Assim, os provérbios são fontes de sabedoria e orientação pragmática (MOTA 1974).

Na literatura sobre o tema consta que os provérbios surgiram na mesma medida e ritmo que as pessoas evoluíram em sua história. Se por um lado se afirma que existe o provérbio que o povo adotou, após uma origem individual, por outro há aqueles que asseguram ter o provérbio brotado das profundezas misteriosas da alma popular (FIORIO 1995, p. 49-50). Essa opinião já se encontrava em Aristóteles. Entretanto, Seiller *apud* FIORIO (1995 p. 50) refuta tal teoria alegando que os provérbios não brotam da alma popular. Diz ele:

> *... o povo nada cria, toda criação, toda invenção, toda descoberta surge de uma personalidade individual. É preciso, que qualquer provérbio, tenha sido primeiro enunciado por alguém, num certo dia, num certo lugar. Se agradar aos que o ouviram, será propagado como locução proverbial. Conseqüentemente, tal autoria individual foi-se extinguindo para “cair na boca do povo e dela sair” caso agrade a forma de o provérbio expressar o real.*

Conforme afirmava Seiller, aos poucos a locução proverbial tomava contornos mais definidos, até chegar á forma de provérbio. Os elementos dissertativos foram desaparecendo, dispensando palavras, restando apenas o núcleo ou essência. Mesmo admitindo a popularidade do provérbio, para Seiller nem sempre ele é veiculado em toda a população. Ele faz referência, por exemplo, aos refrões empregados apenas em alguns meios, dialetos, regiões, em algumas profissões. O provérbio por sua ocorrência metafórica teria mais o aspecto de “moral da história”, como prudência, responsabilidade, diplomacia,

reparação, disciplina, ajustamento, felicidade, etc... O que interessa é a estrutura mnemônica e simples que os indivíduos manipulam em meio à tradição cultural, tornando-o seu patrimônio. O provérbio resplandece por ser a síntese mínima de uma experiência e memória coletiva.

De acordo com LEIBING (2006, p. 1362), a memória coletiva homogeneíza o que os indivíduos lembram, emoldurando, mas não determinando de uma forma fixa, como o passado está sendo contado e revivido. A autora relata que pessoas idosas têm um papel importante para memorizar o passado, e menciona a continuidade e resistência como elementos estruturantes para uma memória coletiva. Lawrence Kirmayer (apud LEIBING 2006, p. 1363) conceitualiza memória coletiva de "paisagens da memória" (*landscapes of memory*), algo que ele definiu como o terreno metafórico que forma a distância e o esforço necessário para lembrar eventos de uma forma afetiva, socialmente definida e que inicialmente podem ser vagos, ou até ausentes de memória. Paisagens de memória ganham força pelo significado pessoal e social de memórias específicas, mas também através de metamemória – modelos implícitos de memória, que influenciam o que pode ser lembrado e citado como verídico.

Para LEIBING (2006, p.1363), a memória é seletiva e, por um jogo de poder complexo e por vários mecanismos, direta ou indiretamente, forma narrativas culturais que legitimam o que está sendo lembrado. Podemos assim falar de um esquecimento organizado ou de uma memória negociada.

Considerando um aspecto peculiar da memória, a temporalidade do esquecimento, este pode fazer parte tanto de um envelhecimento saudável (parte de um bem-estar) como também de um envelhecimento patológico (parte de um mal-estar), conforme assinala (LEIBING & BENNINGLOFF-LÜHL (2001, p. 78). Segundo BOSI (1994, p. 80-81), no momento da velhice social, a função da pessoa idosa é a de lembrar, tornando-se a memória viva da família, do grupo, da instituição, da sociedade e quando a sociedade a impede de exercer essa função de agente social pode promover um adoecimento psíquico, resultando um contexto social perverso. É importante ressaltar que nós situamos o que lembramos dentro de espaços mentais oferecidos pelo grupo social. O grupo social fornece aos indivíduos um referencial em que suas

memórias são localizadas por um mapeamento. Conforme afirma BOSI (1994, p. 81), *"na maior parte das vezes, lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e idéias de hoje, as experiências do passado. A memória não é sonho, é trabalho"*

BOSI (2003, p. 60) ressalta ainda que não há percepção (como resultado das interações) que não esteja impregnada de lembranças, e a lembrança impregna as representações, assim, a memória tem uma função decisiva na existência. Nesse sentido, vale lembrar da importância da natureza social do discurso, a construção das identidades sociais a partir das práticas discursivas nas quais as pessoas se inserem, que podem ser revelados nas enunciações das expressões formulaicas, como os provérbios. Dentro dessa perspectiva, a memória é um valioso instrumento na constituição das crônicas do cotidiano, conforme releva BOSI (2003, p. 67). Segundo a autora, a memória permite o indivíduo a reconstituir comportamentos e sensibilidades de uma época, de situação em particular. A memória opera com grande liberdade escolhendo acontecimentos no espaço e no tempo. Nas palavras de Bergson (*apud* BOSI 2003, p.67), pela memória o passado não só vem à tona misturando com as percepções imediatas, como também empurra, decola estas últimas, ocupando o espaço todo da consciência. A memória aparece como força subjetiva ao mesmo tempo profunda e ativa, latente e penetrante, oculta e invasora.

As representações contidas no discurso não são somente de natureza objetiva, mas podem referir-se à subjetividade. Relatos e interpretações subjetivas dependem de fatores contextuais, de motivações pessoais, de interesses e de eventos sociais que determinarão quais significados devem receber mais atenção. A narração não se limita a expressar conteúdos memorizados, idéias e a transmitir informações, mas também é o eco da imaginação e da sensibilidade. A expressividade é a capacidade de o sujeito manifestar suas emoções e de despertar sentimentos análogos nos interlocutores (PRETI 1999, p. 105).

Além da função de aprendizado, retenção de informações, de conhecimentos, fatos e eventos a memória também é responsável por outras funções que envolvem fatores psicológicos que são as reminiscências, a

revisão de vida, a história oral, as autobiografias, narrativas pessoais e manutenção da cultura e identidade individual e coletiva referenciados por crenças e valores culturais.

Nesses "atos de rememorar" conhecimentos e experiências, é que a memória cumpre seu papel social não sendo vista somente como mecanismo biológico, é que intervêm o processamento lingüístico fundamental para reconstituir o passado e que pode ser analisado em relação com a memória para avaliar condições do funcionamento da memória e da linguagem em indivíduos adultos e idosos que apresentam ou não déficits do funcionamento cognitivo.

A memória da qual tratamos aqui é um fenômeno complexo e em constante mudança, em que esquecimento, lembranças, reminiscências, recordações, amnésias, distrações, lapsos, fazem parte de preocupações e práticas culturais de determinados grupos. Seguindo esta linha de raciocínio, BRAGA (2000, p. 40) em seu texto sobre "*A Constituição Social da Memória"*, quando explica sobre o desenvolvimento socio-histórico do homem, relata que este nasce dependente das condições culturais, históricas e sociais, e que suas funções intelectuais e comportamentos se desenvolvem na medida da sua interação com o outro. Essa interação social e inserção na cultura constitui a complexidade da vida, a qual se estabelece sobre suas bases: o uso de instrumento e o uso do signo linguístico.

Ao abordar a memória social em relação ao envelhecimento, sobretudo na velhice patológica, para investigar a relação entre memória e linguagem nas enunciações proverbiais, cabe saber se a experiência de vida, práticas sociais, conhecimentos gerais e específicos sobre as condições de vida, estratégias de julgamento e aconselhamento, historicidade, tarefas e metas evolutivas, estratégias socioculturalmente estabelecidas ao longo da vida do sujeito, que implica, ter na memória de longo prazo como um banco de dados extenso sobre os assuntos da vida, que correspondem à abordagem sócio-cognitiva, auxiliaria de forma compensatória o processamento lingüístico no momento da ativação e reativação de conhecimentos para interpretar níveis mais ou menos metafóricos das enunciações proverbiais por sujeitos portadores da Doença de Alzheimer.

2. A RELAÇÃO MEMÓRIA E LINGUAGEM NAS ENUNCIAÇÕES PROVERBIAIS NO CONTEXTO DA DOENÇA DE ALZHEIMER.

Nas doenças relacionadas ao envelhecimento, em especial as neurodegenerescências, na qual se encontra a Doença de Alzheimer, a memória ganha intensa discussão, sendo ela o sintoma mais recorrente, principalmente sobre as modificações que ocorrem com a memória dentro de cada contexto histórico-cultural levando em conta as fronteiras entre o envelhecimento normal e patológico, conforme aponta LEIBING (2006).

Nos estudos sobre as alterações de linguagem na Doença de Alzheimer, entendemos que os elementos semântico-lexicais e semântico-discursivos são os mais alterados conforme (PARENTE, 2006, p. 244), e se observam no esquecimento ou na troca de palavras, omissões, redução do vocabulário, excesso de elementos dêiticos (gestos), dentre outros, ou seja, apresentam alterações na memória, nos sistemas conceituais e inferenciais. É na memória semântica que convergem e inter-relacionam informações de várias modalidades, formando o conhecimento conceitual.

Dentro desse contexto, é importante ressaltar que algumas das modificações isoladas do funcionamento da memória de natureza biológica enfatizado na literatura, que podem ocorrer na vida adulta e na velhice, como nos processos incipientes de demência, e até mesmo nos casos de transtorno cognitivo leve (TCL), não significam a perda de adaptação ao ambiente, as reservas intelectuais, e experiências acumuladas ao longo do tempo podem ser ativadas e maximizadas de forma que a pessoa possa compensar falhas no processamento das informações. Não só fatores biológicos, mas também psicológicos e sociais, respondem pela manutenção das memórias e pelos prejuízos nos sistemas de armazenamento e de processamento de conhecimentos (BIRREN & CHAIE 1990).

Do ponto de vista da neurofisiologia, os processos de memória requerem pré-requisitos e condições específicas para se realizar de forma eficiente. Algumas vezes, a dificuldade de memória pode ocorrer devido a alterações nessas condições. Porém, a dimensão cognitiva não deve ser vista de uma perspectiva que reduz a questão da cognição ao estudo dos processos

internos, individuais. De uma perspectiva sociocognitivista, ela é concedida como um fenômeno situado e social, como algo além das atividades neuronais, isto é, uma memória social (ZAMPONI 2005, p. 169). A memória então pode ser compreendida em vários níveis, como no nível individual (por exemplo, lembrar da infância), geracional (por exemplo, história e experiências transmitidas de pessoas mais velhas para as mais jovens), regional (por exemplo, memórias de uma certa região geográfica), nacional (monumentos, eventos históricos), político (um evento oficial do passado de uma nação). Todos esses níveis compreendem a uma memória coletiva, uma memória social.

No processo de compreensão dos provérbios estão em jogo os vários processos de significação (culturais, contextuais, discursivos, pragmáticos, afetivos, etc..). Assim sendo, o processamento lingüístico-cognitivo na compreensão dos provérbios envolve tanto a ativação e manipulação "situada" de conhecimentos cristalizados na memória (especificamente, na memória chamada de longa duração) como também o conjunto de processos cognitivos concorrentes à memória, entre eles não só o nosso conhecimento lingüístico, comunicativo, mas também o conhecimento sociointeracional e histórico-cultural (KOCH 2003, p.48).

Nas enunciações proverbiais esses conhecimentos são postos à prova no jogo de interpretação e uso dos provérbios. Em se tratando de sujeitos cujos processos e mecanismos de memória encontram-se afetados por um processo degenerativo e progressivo, como é o caso da Doença de Alzheimer, o percurso lingüístico-cognitivo em jogo na compreensão das enunciações proverbiais, podem estar comprometidas. Cabe investigar qual é o papel dos fatores sócio-culturais nesse processo. Trata-se de uma investigação sociocognitiva do fenômeno da linguagem, em que a cognição é socialmente constituída e a vantagem metodológica deste estudo é que a linguagem é avaliada sem abandonar o contexto das práticas sociais, culturais e históricas que deu forma à cognição do indivíduo ao longo da vida.

Assim, entender a relação entre linguagem e memória nas enunciações proverbiais significa abandonar uma concepção representacional da memória e da linguagem e considerar uma relação integrada entre essas duas funções. A

memória não é vista como uma função de auxílio da linguagem e nem esta como instrumento para a memória. Segundo MORATO & CRUZ (2005, p. 4), há outras maneiras de se conceber a relação entre linguagem e memória, como se prevê um *continuum* ou uma relação dialética entre essas duas formas mutuamente constitutivas de conhecimentos. As duas funções interatuam nas múltiplas atividades psicossociais do ser humano, que diz respeito à linguagem, tais como atividades interacionais, sociais, discursivas e pragmáticas. Desta forma, a relação entre linguagem e memória para os estudos neurolinguísticos dentro da perspectiva sóciocognitiva não são vistas simplesmente como relações que se estabelecem ao nível mental e cerebral.

Os dados relativos ao uso e interpretação de provérbios que ocorre no contexto patológico, em específico por sujeitos com doença de Alzheimer, cuja memória está alterada, possibilitam saber como a atividade lingüística ultrapassa o signo, verificando como é o trabalho da memória desses sujeitos na atividade do pensamento que por sua vez é uma atividade constitutiva da linguagem. São também interessantes para conhecer como estaria alterada a tarefa de significar e compreender o real, por meio dos provérbios, cuja atividade não é solicitada e abordada em testes de rastreio e baterias neuropsicológicas padronizadas para avaliar a linguagem e a cognição no envelhecimento patológico.

3. EXEMPLIFICANDO.

Os provérbios trazem para o enunciado a presença de um discurso-outro assinalando uma intertextualidade[1] representada de forma mais ou menos explícita, nem sempre explicitando o que separa o discurso do próprio falante e

[1] A intertextualidade ocorre quando, em um texto, está inserido outro texto anteriormente produzido, que faz parte da memória sócio-cultural. Ela é condição importante na produção do sentido e da existência de textos, uma vez que ela prevê o já dito. A intertextualidade em sentido amplo é condição de existência do próprio discurso, podendo ser equiparada ao que tem sido também denominado interdiscursividade ou heterogeneidade constitutiva (KOCH, 1991, p. 530). KOCH (2004, p. 42) afirma ser o intertexto um componente decisivo das condições de produção: “um discurso se constrói através do já dito em relação ao qual toma posição”. Trata-se de um elemento constituinte do processo de escrita e leitura e compreende as diversas maneiras pelas quais a produção e recepção de um determinado texto depende de conhecimentos de outros textos por parte dos interlocutores, ou seja, dos diversos tipos de relações que um texto mantém com outros textos.

o discurso-outro. Isso abre uma perspectiva muito ampla para a questão da subjetividade como aborda BENVENISTE (1995, p. 69), ou seja, o EU como fundamento da subjetividade, o que nos leva a afirmar que "constitutivamente, no sujeito, em seu discurso, existe o Outro". Tomando como pressuposto que o discurso do sujeito é sempre permeado por outros discursos, e sob suas palavras sempre existem outras palavras já ditas pelo outro, podemos afirmar que os provérbios constituem por excelência o discurso do outro, um discurso codificado e citado.

Levando em consideração esse pressuposto, as enunciações proverbiais sempre têm a ver com o processo de memória (não apenas em termos do caráter psico-técnico da memória, mas seus aspectos culturais, históricos, discursivos). Conforme afirma KOCH (2003, p. 38-39), a eficiência do pensamento, da linguagem e da ação repousa sobre uma ação conjunta dos componentes da memória. O processamento lingüístico-cognitivo do enunciado proverbial envolve (rea)ativação de conhecimentos experenciados. Tanto o enunciador do provérbio quanto aquele que o interpreta identifica seu sentido e se ancora nas propriedades lingüísticas do enunciado, mas também num conjunto de fatores sócio-cognitivos dentre os quais a memória cultural. A memória coletiva compreende o grupo social no qual o sujeito está inserido e situações vivenciadas com outros sujeitos importantes para a constituição da memória cultural, sendo que a linguagem tem um papel fundamental nessa constituição.

Vejamos alguns exemplos abaixo, nos quais a pesquisadora EV interage com uma senhora AM com doença de Alzheimer provável na fase leve, 77 anos, 4 anos de escolaridade, avaliada no serviço de ambulatório de psiquiatria geriátrica da UNICAMP. No episódio abaixo, EV pergunta a AM o que quer dizer o provérbio "A pressa é inimiga da perfeição" e em qual situação ela poderia usar essa expressão.

(1)

EV	tá/ entendi/ e a pressa é inimiga da perfeição/ o que quer dizer isso//
AM	sai tudo errado
EV	tá errado// sai tudo errado// se fazer com pressa sai tudo errado//

AM porque eu costurava muito
EV ah::
AM tem que costurar devagar\ você pegar uma máquina e fazer assim *((mostra com o gesto na mesa))* vai sair tudo torto\ tem que ter calma
EV [paciência]
AM [o molde né/ fazer\ retocar o papel]
EV isso não pode ter pressa né
AM (xxx) não consegue fazer com pressa/
EV hum/ tá/ então essa seria uma situação né que daria pra gente falar né/
AM pra mim é/ *((balança a cabeça em concordância))*

Dados como esses revelam que a compreensão é uma prática-no-mundo, importante para as atividades interpretativas (MORATO 2005, p. 80). Observamos nas enunciações, explicações e exemplificação do sentido do provérbio feito por AM que as enunciações dos provérbios não podem ser analisadas como meramente uma inferência lógica. AM, ao evocar uma situação da vida real, um exemplo da sua prática no mundo indica que o sentido não depende apenas do sistema lingüístico e nem é produto de abstração descarnada das inferências pragmáticas, mas constitui-se de processos sócio-cognitivos, discursivos e culturais que estão consolidados nos processos de memória (semântica, procedural, episódica, etc...). Na interpretação do enunciado proverbial há um trabalho lingüístico-pragmático, uso diversificado de estratégias enunciativas, como a intertextualidade e de outros aspectos que se referem a situação da enunciação.

KOCH & LIMA (2004, p. 296) ressaltam que os limites entre os conhecimentos linguísticos e os conhecimentos de mundo em geral não se encontram facilmente delimitados. Na atividade de interpretação obviamente ultrapassa, e muito, a imanência do código: para que ela se construa, se faz necessária a mobilização e a transformação de vários tipos de conhecimentos. Lembrando MARCUSCHI (2003, p. 50), *"a língua não é um retrato e sim um trato do mundo, isto, é, uma forma de agir sobre ele".* Os sentidos constituem-se simultaneamente dentro e fora das mentes. O signo deve ser entendido apenas como uma pista que conduz ao sentido.

Nas análises de episódios, tal como apresentamos podemos notar que mesmo o sujeito apresentando uma condição de demência em fase inicial, em que a memória é a função que primeiramente estaria afetada, debilitada, ela participa no processamento semântico-lexical e discursivo-pragmático ao atuar na construção do sentido. CAZELATO (2003, p. 22) assinala que para interpretar um provérbio é preciso realizar várias inferências, reconhecer os efeitos de sentido em determinada enunciação, assumir diferentes posições e fontes enunciativas, reconhecer os pressupostos e/ou implícitos culturais, identificar metadiscursos na enunciação proverbial, etc.. Segundo KOCH (1997, p. 109), inferir diz respeito a um processo que permite gerar informação semântica nova a partir daquela dada em certo contexto, por meio do uso de pistas disponíveis e selecionadas pelo sujeito e fundamentadas em conhecimento prévio e compartilhados. Para tanto, precisa-se levar em conta os processos da memória envolvidos no acesso do conhecimento de mundo do sujeito para que ele possa interpretar o sentido e enunciar o uso social dos provérbios.

De acordo com KOCH (2008, p.146) é importante ressaltar que:

> *a cognição social para o processamento inferencial é fundamental. Uma teoria adequada do processamento de inferências na compreensão textual necessita, em primeiro lugar, incorporar o conhecimento enciclopédico e o conhecimento pragmático, em segundo lugar, deve, necessariamente, abarcar o conhecimento social. Desta forma, uma teoria adequada do processamento de inferências precisa considerar a cognição social, que constitui uma parte relevante das estruturas cognitivas armazenadas na memória. É esta razão que leva VAN DIJK (2000, p. 39-40) a denominar a memória semântica de memória social.*

A seguir apresentamos o dado do sujeito MR na explicação do sentido do provérbio “Antes pouco do que nada”.

(2)

EV	tá/ antes pouco do que nada\ o que quer dizer isso// quando a gente fala assim\ antes pouco do que nada
MR	é verdade antes pouco do que nada eu eu falo assim às vezes eu vejo eu vou falar do jeito que eu sei

EV tá não do jeito que a senhora sabe do jeito que a senhora entende\
MR as pessoas às vezes (5.0) (xxx) um dia passou gente pedindo as coisas em casa e fala assim\ <eu ganho uma miséria de dinheiro uma aposentadoria> aí eu falo antes eu ganhar isso daí do que não ganhar nada
EV é/ do que nem ter
MR aí eu falo/ <pelo menos você pode comer um feijão com arroz> se você não pudesse\ se não sabe controlar\ tá assim porque não sabe controlar/ eu até discuti uma vez com uma pessoa que passou falando isso
EV sei\
MR então eu não gosto dessa frase
EV dessa frase
MR dessa frase\
EV é mas é é é bom pra pra pra por exemplo quando vai falar pra pessoa né/ às vezes a pessoa tá reclamando\ de alguma coisa mas a pessoa tem né alguma coisa né/
MR que pode
EV pra ela saber que tem algo não é que ela não tem nada\ antes pouco do que nada\
MR então é isso mesmo

O dado (2), referente à interação da pesquisadora EV com a senhora MR, de 67 anos, com 7 anos de escolaridade e com o diagnóstico de doença de Alzheimer provável em fase leve, aborda o sentido e o uso do provérbio "Antes pouco do que nada" chamamos a atenção para a modalização de seu dizer feita por MR: *eu falo assim às vezes eu vejo eu vou falar do jeito que eu sei,* apontando o contexto existencial e situacional para iniciar a interpretação do significado do provérbio. O contexto existencial e situacional é que determina o significado, o qual é indiciado ou relativizado com respeito à sua localização pessoal e espaço-temporal. Nesta produção a respeito da explicação e exemplificação do uso social do provérbio que evoca uma advertência ao excesso de ambição é possível perceber também o contexto

referencial (o conhecimento de mundo individual, estado de coisas e acontecimentos) que são considerados na descrição do sentido. A expressão de MR reportando à sua forma de dizer e saber dizer nos faz lembrar as palavras de RICCEUR (2007, p. 394) em *"O ser no tempo"* na qual a maneira de referenciar o passado resume todas as nossas relações com o tempo, ser no tempo é a maneira temporal de ser no mundo, é o que determina o contexto situacional e existencial.

Os provérbios constituem na interação de contextos diversos e exige uma compreensão definida. Na interpretação dos provérbios a inferência exigida está baseada predominantemente na associação de informações contextuais com o conhecimento prévio do indivíduo, que correspondem ao conhecimento de mundo que este possui, sua memória discursiva, assim como à sua capacidade de memória de trabalho (memória operacional).

Para PARRET (1988, p.18), as situações enquanto contexto são uma classe ampla de determinantes sociais, podendo se constituir no cenário social das instituições, nos ambientes do dia-a-dia, nas microcomunidades ou por uma comunidade lingüística que são determinantes importantes para os conteúdos lingüísticos. O sentido se caracteriza globalmente ligado ao contexto. A compreensão dos conteúdos comunicativos depende das associações dos contextos situacionais.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.

Numa abordagem psicossocial da velhice e numa abordagem enunciativa e sociocognitiva da linguagem, tendo em vista o postulado da relação entre linguagem e memória estabelecidos até aqui, compreendemos o discurso como uma forma de ação social, uma prática situada em um contexto histórico-social, em que normas pragmáticas regem a vida em sociedade, a utilização da linguagem, os diferentes contextos linguístico-cognitivos nos quais as significações são produzidas (MORATO 1997).

No campo da Neurolinguística, sob a ótica uma abordagem enunciativa e sócio-cognitiva, deve-se levar em consideração a relação do processamento da memória com a linguagem em situação de uso. Para estudar a memória numa perspectiva enunciativa discursiva o foco é o comportamento narrativo

dotado de sentido a ser interpretado, onde recordar, recuperar o passado, rememorar e evocar é reconstruir conteúdos e vivências e para isso a linguagem sempre estará em funcionamento. Rememorar discursivamente um evento não é só trazer a tona o que está conservado na memória.

Os dados das expressões proverbiais exemplificados nos mostram que as expressões formulaicas não podem ser analisadas como sendo meramente inferenciais. É necessário interpretar os contextos ou situações enunciativas nos quais são produzidos e com participação ativa da memória sócio-cultural como postulado por MORATO (2005).

Para estabelecer a estreita relação da memória e da linguagem nos estudos neurolinguísticos, a análise dos processos lingüísticos e mnemônicos em conjunto, numa abordagem enunciativo-pragmática pode nos levar a considerações interessantes e nos fornecer pistas para a compreensão dos fenômenos cognitivos do envelhecimento normal e patológico em idosos, até mesmo nos mostrar a fragilidade da neurodegenerescência.

A memória e a linguagem e sua íntima relação durante seu funcionamento são peças centrais do nosso nível de funcionamento global. Ainda existem muitos mistérios sobre a memória, de como ela funciona e como ela falha, e mesmo assim confiamos nela. É por meio dela que os seres humanos adquirem e expressam o conhecimento que têm de si próprio e sobre o mundo. A memória e a linguagem é que contextualizam a trajetória de desenvolvimento dos indivíduos e de grupos em função das práticas sociais, das práticas com linguagem e a pragmática da existência.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.

BENVENISTE, E. **Problemas de lingüística geral** *I.* Trad. De Mari da Glória Novak e Maria Luisa Néri: revisão do Prof. Isaac Nicolau Salum. 4ª. Edição. Campinas/SP: Ed. Pontes. 1995.

BIRREN, J.E. & CHAIE, W. **Handbook of psychology of agind,** 3a ed., San Diego: Academic Press. 1990.

BOSI, ECLÉA. **Memória e sociedade. Lembranças de velhos.** São Paulo: Companhia das Letras. 1994.

BOSI, ECLÉA. **O tempo vivo da memória. Ensaios da Psicologia social.** São Paulo: Ateliê Editorial. 2003.

BRAGA, E. S. **A constituição social da memória. Uma perspectiva histórico-cultural.** Rio Grande do Sul: Ed. UNIJUÍ. 2000.

CAZELATO, S. E. O. **A interpretação de provérbios equivalentes por afásicos: um estudo enunciativo.** Dissertação de Mestrado em Lingüística. IEL/UNICAMP. 2003.

DAMÁSIO, A.R. Category-related recognition defects as a clue to the neural substrates of knowledge. ***Trends in neurosciences,*** 13, pp. 95-98. 1990

FIORIO. **Quem conta um conto... A metáfora rural de provérbios em língua portuguesa.** Goiânia: Editora UCG. 1995.

HONECK. Book Review. A proverb in mind. **Journal of pragmatics,** 32: 627-638. 2000.

KOCH, I. G. V. **Intertextualidade e Polifonia. Um só fenômeno?** *D.E.L.T.A.,* Vol. 7, no 2. pp: 529-541. 1991.

KOCH, I. G. V. O texto e a (inevitável) presença do outro. **LETRAS,** 14, UFSM (RS), Jan/jun, pp: 107-124. 1997.

KOCH, I. G. V. **Desvendando os segredos do texto.** São Paulo: Editora Cortez. 2003.

KOCH, I. G. V. & CUNHA-LIMA, M.L.A. **Introdução à lingüística textual: trajetória e grandes temas.** São Paulo/SP: Martins Fontes. 2004.

KOCH, I. G. V. & CUNHA-LIMA, M.L.A. Do Cognitivismo ao Sociocognitivismo. *In:* MUSSALIM, F.; BEBTES, A. C. (Org). **Introdução à Lingüística: Fundamentos epistemológicos.** Vol. 3. São Paulo: Cortez. 2004.

KOCH, I. G. V. & ELIAS, M.V. **Ler e compreender os sentidos do texto.** São Paulo/SP: Contexto. 2006.

KOCH, I. G. V. A produção de inferências e sua contribuição na construção do sentido. *In*: I.G.V. KOCH. **Nas tramas do texto.** Rio de Janeiro: Ed. Nova Fronteira. Coleção Lucerna. 2008.

LEIBING, A. Memória, velhice e sociedade. *In:* E.V. FREITAS, L. PY, F.A.X. CANÇADO, M.L. GORZONI & J. DOLL. **Tratado de Geriatria e Gerontologia** – 2ª edição. Rio de Janeiro: Ed. Guanabara. 2006.

LEIBING, A. & BENNINGLOFF-LÜHL, S. **Devorando o tempo. Brasil, o país sem memória.** São Paulo: Ed. Mandarim. 2001.

MARCUSCHI, L. A. Perplexidades e perspectivas da Lingüística na virada do milênio. **VI Semana de Letras UFPB,** João Pessoa: 10-12 de fev. 2003.

MARCUSCHI, L. A. A construção do mobiliário do mundo e da mente: linguagem, cultura e categorização. *In:* N. S. MIRANDA & M.C. NAME. **Lingüística e Cognição.** Juiz de Fora – MG: Editora UFJF. 2005.

MORATO, E.M. Processos de significação e pesquisa neurolinguística. **Cadernos de Estudos Linguísticos,** (32): 25-35, Jan/Jun. 1997.

MORATO & CRUZ. Os embates da memória. *Horizontes.* **Linguagem, Discurso e Práticas Educativas,** V.23, n.1, Jan/Jun 2005. pp. 01-24. Editora Universitária São Francisco. 2005.

MORATO, E. M. Aspectos Sócio-cognitivos da atividade referencial: as expressões formulaicas. *In:* N. S. MIRANDA & M. C. NAME (Orgs). Lingüística e Cognição. Juiz de Fora-MG: Editora UFJF. 2005.

MOTA, A.V.B. **Provérbios em Goiás.** *Contribuições à paremiologia brasileira.* Goiânia: Oriente. 1974.

PARENTE, M.A.M.P. **Cognição e Envelhecimento**. Porto Alegre: Artmed. 2006.

PARRET, H. **Enunciação e pragmática**. Campinas-SP: Editora da UNICAMP. 1991.

PRETTI, D. **A linguagem dos idosos. Um estudo da análise da conversação.** São Paulo/SP: Contexto. 1988.

RICCEUR, P. **A memória, a história, o esquecimento.** Campinas/SP: Editora da Unicamp. 2007.

STEINBERG, M.. **1001 Provérbios em contrates.** São Paulo: Editora Ática. 1985.

VAN DIJK, T. A. & KINTSCH, W. **Strategies of discourse comprehension.** New York: Academic Press. 1983.

VAN DIJK, T.A. **Cognição, discurso e interação**. São Paulo: Contexto. 2000.

ZAMPONI, G. Estratégias de construção da referência no gênero de popularização da ciência. *In:* I.V. KOCH; E.M. MORATO e A.C. BENTES. **Referenciação e Discurso**. São Paulo: Contexto. 2005.

Agradecimentos: Agradeço a Profa. Dra. Edwiges Maria Morato pelas considerações e correções feitas a este trabalho que trata-se de um artigo parcial da Tese de Doutorado em Linguística desenvolvida no Instituto de Estudos da Linguagem sob sua orientação no Grupo de Pesquisa COGITES – Cognição, Interação e Significação.

Sobre a autora

SÉ, Elisandra Villela Gasparetto
Fonoaudióloga formada pela Faculdade Integradas Teresa D'Ávila de Lorena – FATEA União Social Camiliana (1995). Mestre em Gerontologia – Faculdade de Educação – FE/UNICAMP (2003). Doutora em Linguística – Instituto de Estudos da Linguagem – Área de Neurolinguística – IEL/UNICAMP (2011). Membro do Grupo de Pesquisa COGITES – Cognição, Interação e Significação – IEL/UNICAMP. Especialista em Educação em Saúde para Preceptores do SUS pelo Instituto Sírio Libanês de Ensino e Pesquisa – IEP/HSL (2014). Exerceu a função de pesquisadora colaboradora no Ambulatório de Psiquiatria Geriátrica do Hospital de Clínicas – FCM/UNICAMP (2000-2012), e no Ambulatório de Geriatria e Gerontologia – HC/FCM/UNICAMP (2007-2010). Foi pesquisadora colaboradora no Centro de Convivência de Afásicos – IEL/UNICAMP (2006-2011). Foi Presidente da Associação Brasileira de Alzheimer – Regional São Paulo, gestão 2012-2014. Coordenadora da Associação Brasileira de Alzheimer – ABRAz Sub-regional Campinas/SP e da Sub-regional de Jaguariúna/SP. Foi pesquisadora visitante na Associação Alzheimer Portugal – Lisboa (2013). Foi membro conselheiro do Conselho Municipal de Saúde de São Paulo (2012 – 2014), e do Conselho Municipal do Idoso de Jaguariúna (2012 – 2013). Atualmente é membro do Conselho Municipal do Idoso de Jaguariúna. Diretora do Centro Educacional Perspectiva, Cursos de Pós-graduação e extensão com parceria Grupo Polis Educacional (Faculdade de Jaguariúna e Faculdade Max Planck de Indaiatuba). Idealizadora e Coordenadora do Programa de Formação e Educação Continuada do Idoso da Faculdade Jaguariúna e da Faculdade Max Planck, Indaiatuba – SP. Coordenadora do Comitê de Ética em Pesquisa de Seres Humanos da Faculdade de Jaguariúna e da Faculdade Max Planck. Membro do Comitê de Ética em Pesquisa do Uso de Animais da FAJ e da Faculdade Max Planck. Conselheira do Conselho Municipal do Idoso de Jaguariúna. Membro Conselheira e Pesquisadora do Núcleo de Estudo e Pesquisas Interdisciplinares da Faculdade de Jaguariúna Coordenadora do Grupo de Estudos Avançados do Envelhecimento – GEAE – Faculdade de Jaguariúna. Membro parecerista da Revista Intellectus. Professora Titular da Universidade Paulista – UNIP Campus Campinas e São Paulo. É colunista semanal do site Vya Estelar da UOL. Coluna Mente na Terceira Idade. Link do Currículo Lattes: http://lattes.cnpq.br/1267773065197502